



DOI: 10.14295/rlapc.v11i18.184

## **Contato substituto e a queda do céu: aproximações entre Reich e a crítica indígena ao modo de vida capitalista**

*Cláudia Valéria Sendra da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** Nesse artigo a autora apresenta aproximações entre a teoria reichiana e narrativas indígenas, tendo como ponto central a adaptação artificial do indivíduo contemporâneo ao contexto capitalista. O conceito de *contato substituto*, concebido por Wilhelm Reich, e a crítica indígena sobre a disposição dos indivíduos para abdicar de suas necessidades básicas e liberdade são justapostos e dialogam, explicitando processos históricos que perpetuam noções de submissão e obediência na sociedade.

**Palavras-chave:** Wilhelm Reich; contato substituto; povos indígenas; teoria reichiana; capitalismo

## **Surrogate contact and the fall of the sky: rapprochements between Reich and indigenous criticism of the capitalist way of life**

**Abstract:** In this article, the author presents similarities between Reichian theory and the indigenous vision, with the central point being the artificial adaptation of the contemporary individual to the capitalist context. The concept of *substitute contact*, conceived by Wilhelm Reich, and the indigenous criticism about the willingness of individuals to give up their basic needs are juxtaposed and dialogue, highlighting historical processes that perpetuate notions of submission and obedience in society.

**Keywords:** Wilhelm Reich; substitute contact; indigenous peoples; Reichian theory; capitalism.

---

<sup>1</sup> Analista Reichiana pelo Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich - IFP, Analista Biodinâmica pelo Instituto Brasileiro de Psicologia Biodinâmica – IBPB. Graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá, UNESA, Brasil. Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Membro do Instituto de Formação e Pesquisa Wilhelm Reich (IFP-Wilhelm Reich). claudiavaleriasendra@gmail.com.

## Introdução

“Pois passamos tempo demais com o espírito voltado para nós mesmos, embrutecidos pelos mesmos velhos sonhos de cobiça e conquista e império vindos nas caravelas, com a cabeça cada vez mais cheia de esquecimento, imersa num vazio existencial, só de raro em raro iluminado, ao longo de nossa pouco gloriosa história, por lampejos de lucidez política e poética.”

(Eduardo Viveiros de Castro\*)

Ninguém controla uma pessoa livre. Essa máxima que está na essência do pensamento político de Wilhelm Reich é também central em narrativas de povos indígenas que têm ganhado fôlego no ocidente. Nos últimos anos, a visão de mundo desses povos originários tem aberto frestas no ambiente artificial do capitalismo global e ampliado o diálogo, oferecendo uma nova perspectiva de nossa trajetória como *Homo sapiens* e de nossa teoria política moderna, historicamente orientada a partir de uma visão europeia.

Em 2015, cinco anos após sua publicação em francês, o livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* foi lançado no Brasil. Resultado da convivência de 30 anos entre o líder indígena Davi Kopenawa e o antropólogo francês Bruce Albert, o texto traz uma nova visão antropológica sobre os povos ameríndios, trata da história recente do povo yanomami e aponta características da civilização ocidental que, sonhando com suas mercadorias, caminha para um futuro funesto (Kopenawa e Albert, 2015).

Em outro título, lançado em 2022, *O Despertar de tudo: uma nova história da modernidade*, o antropólogo David Graeber e o arqueólogo David Wengrow, ambos expoentes em suas áreas de pesquisa, nos oferecem uma diferente compreensão de nossa trajetória civilizatória. Os autores chamam a atenção para a crítica de povos indígenas norte-americanos ao modo de vida europeu, no século XVII, e para sua negativa a uma adaptação aos costumes desses colonizadores. Os autores esclarecem que a crítica indígena representou um choque nas instituições europeias pela coerência dos nativos em revelar possibilidades de emancipação humana (Graeber e Wengrow, 2023).

---

\* Etnólogo americanista. Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Docente de Etnologia no Museu Nacional/UFRJ desde 1978. Professor Titular de Antropologia social na UFRJ desde janeiro de 2012. Membro da Equipe de *Recherche en Ethnologie Américaniste do C.N.R.S.* (hoje incorporada ao *Laboratoire d'Ethnologie et Sociologie Comparative - CNRS/Nanterre*) desde 2001. Simón Bolívar *Professor of Latin American Studies* na Universidade de Cambridge e membro de *Kings College/Cambridge* (1997-98); *Directeur de recherches* no C.N.R.S. (1999-2001). Professor-visitante nas Universidades de Chicago (1991, 2004), Manchester (1994), Universidade de São Paulo - USP (2003), Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (2005-06). Prêmio de melhor tese de doutorado em Ciências Sociais da ANPOCS (1984); *Médaille de la Francophonie* da Academia Francesa (1998); Prêmio Erico Vanucci Mendes do CNPq (2004); Ordem Nacional do Mérito Científico (2008); Doutor Honoris Causa pela *Université de Paris Ouest Nanterre La Défense* (2014) e pela Universidad Nacional de Córdoba, Argentina (2019). Membro da Academia Brasileira de Ciências desde 2019. É cocoordenador do Núcleo de Antropologia Simétrica (NAnSi), baseada no Museu Nacional/UFRJ.

Ao se defrontar com o discurso dos brancos e com a imposição de seu modo de vida em sociedade, os indígenas se recusavam e tinham enorme dificuldade em compreender conceitos como *hierarquia* e *autoridade*, ideias que não constavam em suas experiências de vida. A surpresa dos povos originários com a submissão voluntária dos brancos europeus a um modo de vida que pressupunha a retirada de sua liberdade é sublinhada por Graeber e Wengrow em sua obra (Graeber e Wengrow, 2023). Os autores mostram também que missionários incumbidos da tarefa de “civilizar” os nativos relatavam, nos *Relations des jesuites*, seu horror com o comportamento dos indígenas: “...missionários escandalizados com frequência relatavam que se reconhecia às mulheres americanas o total controle sobre o próprio corpo e, portanto, as solteiras tinham liberdade sexual e as casadas podiam se divorciar à vontade.”

A reação indígena às normas dos colonizadores foi percebida como uma ameaça tão grande à estrutura da sociedade europeia que surgiu todo um corpo teórico destinado especificamente a refutá-las. Como concluem os autores, “nossa metanarrativa histórica convencional sobre o progresso ambivalente da civilização humana, em que se perdem as liberdades à medida que as sociedades se tornam maiores e mais complexas, foi em ampla medida inventada a fim de neutralizar a ameaça da crítica indígena.” (Reich, 2003, p.47)

Outros livros e movimentos também vêm se propagando nos últimos anos, permitindo olharmos para nossa história a partir de uma nova perspectiva, em interlocução com pensadores desses povos originários. Um desses movimentos recentes no Brasil e que ilustra a importância que vem sendo dada ao saber dos povos nativos foi a concessão de assento na Academia Brasileira de Letras a Ailton Krenak, no início de 2024. Autor de títulos que tiveram vendas expressivas no Brasil e que foram traduzidos para diversos idiomas, o líder indígena e filósofo alerta para a ausência de sentido na experiência de vida dos “civilizados”, que vê como seres imersos no mundo da mercadoria e que trilham um caminho para o próprio extermínio.

O discurso indígena, que se expande de seu espaço de resistência e passa a reverberar na sociedade ocidental, vai ao encontro do pensamento reichiano no que se refere ao embotamento de seres humanos em relação à experimentação da própria vida, à falta de contato com suas necessidades mais básicas, ao rompimento com a alegria da existência e suas diversas consequências. É a partir dessa ideia que encontramos pontos de interseção entre o conceito reichiano de *contato substituto* e a visão indígena sobre o modo de vida do

indivíduo no mundo capitalista contemporâneo. Uma condição vista por Davi Kopenawa como a “queda do céu” (Kopenawa e Albert, 2015).

Nesse sentido, no presente trabalho propomos estabelecer algumas aproximações entre o pensamento ancestral indígena e a teoria de Reich, que nos esclarece que “na ideologia de todas as organizações sociais autoritárias, a vida vegetativa, representada como primitiva e animal, tem sido sempre colocada em confronto com a vida substituta, cultural, apresentada como altamente desenvolvida.” (Reich, 1998, p. 303) Para observarmos tais aproximações, a partir do conceito reichiano de *contato substituto*, examinaremos a formação artificial do sujeito contemporâneo, que experimenta a existência em conflito com sua natureza verdadeira, e a consonância desse conceito com a visão indígena, que evidencia o sentido utilitário da vida no mundo capitalista.

O *contato substituto*, evidenciado por Reich, aponta uma espécie de “vida dupla” que as pessoas experimentam na própria existência, “um compromisso entre a vontade de viver e o medo da vida socialmente induzido” (Reich, 1998, p.304), um fenômeno que, frequentemente, chega à clínica.

### **Contato vegetativo imediato e contato substituto**

O conceito de *contato substituto* traz consigo a ideia de que há um contato verdadeiro. Este foi denominado por Wilhelm Reich como *contato vegetativo imediato*. Para compreender o que são um e outro é preciso considerar a existência de correntes vegetativas e sua relação com o psiquismo. Por isso, retomaremos, de forma sucinta, o caminho feito por Reich para chegar a um elemento-chave de sua teoria, a *couraça*, e ao conceito de *contato substituto*. Não temos a intenção de fazer uma exposição completa da concepção reichiana, mas acreditamos ser relevante explicitar alguns pontos para tornar mais claro o caminho que iremos seguir (Reich, 1995).

Em suas pesquisas, Reich (1995) verificou que os movimentos plasmáticos são uma das principais características dos organismos vivos. Líquidos que compõem as células do organismo estão em permanente movimento, e isso acontece tanto em organismos mais primitivos, como amebas, quanto em seres humanos. Verificou também que o organismo humano produz energia que flui, ininterruptamente, e que o organismo vivo percebe a si próprio e ao ambiente a partir de suas sensações. São as sensações e emoções que experimentamos que vão gerar nossa impressão sobre o mundo e nossas ações. Quanto maior

a mobilidade das correntes vegetativas/movimentos plasmáticos, maior a intensidade de sensações e emoções, e maior é a capacidade de expressão do organismo.

Reich (1995) percebeu que contração e expansão são funções biológicas naturais nos organismos e que o processo vital é marcado pela contínua alternância entre esses movimentos. Prazer e angústia, emoções primordiais, estão associados à expansão e à contração, respectivamente. Em nível fisiológico, o funcionamento emocional no ser humano é regulado pelo sistema neurovegetativo, dividido em sistema simpático e sistema parassimpático. A expansão é da ordem do funcionamento parassimpático, em condições de prazer, e a contração, do simpático, em condições de angústia.<sup>1</sup>

Nos estágios iniciais do desenvolvimento das crianças, tais movimentos vegetativos são fundamentais para sua constituição psíquica. O efeito do contato dos cuidadores com a criança no início da vida e sua ação educativa impactam diretamente sobre as condições do organismo e psiquismo infantil, intrinsicamente ligados. Esse fator ambiental constitui a principal atenção que se deve ter para permitir o desenvolvimento saudável da criança. A ação dos cuidadores, especialmente a de quem exerce a função materna, é fundamental nesse sentido. O olhar amoroso, a presença, o colo que dá contorno, e o alimento que é percebido de forma prazerosa vão proporcionar bem-estar e prazer ao bebê - a expansão. Falhas no atendimento das necessidades do bebê, ao contrário, vão causar angústia, contração e, a depender da frequência e intensidade com que são percebidas pela criança, podem causar alterações importantes em sua mobilidade vegetativa e em seu psiquismo.

Na visão reichiana, a família é a primeira instância a moldar a estrutura da criança e, como representante das instituições sociais, reproduz a ordem vigente, com todas as repressões promovidas pela cultura patriarcal. Os pais são importantes agentes de moralização que, repetindo os ditames da cultura, inibem, por exemplo, manifestações espontâneas da sexualidade infantil, como a masturbação, gerando na criança angústia e medo em relação às suas expressões de vitalidade.

Nesse processo, a criança, que traz em si o contato vegetativo imediato com o mundo, se contrai ao se confrontar com impedimentos à sua satisfação e expressão, que acabam por se traduzir em interdições para uma vida plena. As barreiras que impedem a expressão da criança e seu fluxo vegetativo são as *courças*, “muralhas” que se estabelecem bloqueando o fluxo de

---

<sup>1</sup> Reich tem essa compreensão quando desenvolve a Vegetoterapia; na fase posterior, de Orgonomia, ele chega à conclusão de que não só o sistema nervoso autônomo, que inclui o simpático e o parassimpático, contrai e expande, mas que os campos energéticos e a própria energia também efetuam esses movimentos, alternadamente (Reich, 1995).

energias, que ficam cronicamente congeladas e fixadas, impedindo a expressão e a relação autêntica com o mundo ao longo da vida, levando a um *contato substituto* (Reich, 1998).

“A formação psíquica de um contato substituto, oposta ao contato vegetativo imediato, está estruturada exatamente como um sintoma neurótico. Representa uma função substituta de alguma outra coisa, serve de defesa, consome energia e tenta harmonizar forças contraditórias. (...) Daí o contato substituto ser uma das muitas manifestações de uma economia social perturbada e do decorrente distúrbio da economia sexual pessoal.” (Reich, 1998, p.304).

Enquanto o organismo desencouraçado percebe a si e a seu ambiente através de suas sensações e tem suas reações baseadas nos julgamentos daí advindos, o ser encouraçado, que perde o contato com as próprias sensações e correntes energéticas, não consegue mais perceber e estar em sintonia com as impressões baseadas nestas.

“O organismo encouraçado é essencialmente diferente do desencouraçado no sentido de que erige um muro rígido entre seu cerne biológico, de onde brotam todos os impulsos naturais, e o mundo em que ele vive e trabalha. Como resultado, todo impulso natural, particularmente no que diz respeito à função natural do amor e à capacidade de amar, é obstruído.” (Reich, 2003, p. 69-70)

O encouraçamento não impede totalmente os impulsos, que continuam existindo, porém, estes têm que atravessar por brechas nas “muralhas” das couraças, pois não dispõem mais de livre expressão. Quanto mais a motilidade vegetativa for reprimida na infância, mais difícil será para a pessoa desenvolver relações com os objetos de amor, o trabalho e com a realidade em geral.

É importante sublinhar que a couraça tem função de defesa, oferece proteção contra o que é sentido como ameaça, assim ela é essencial, desde que não seja rígida (Reich, 1998). É preciso que ela seja flexível para que a pessoa possa se fechar para o mundo de acordo com as reais necessidades de proteção, e que também possa se abrir numa entrega verdadeira às experiências quando as circunstâncias são favoráveis à essa expansão.

## **O contato substituto e a crítica indígena**

A forma como o ser humano experiencia sua existência no mundo capitalista é uma questão central tanto na crítica dos indígenas sobre a civilização quanto na teoria de Wilhelm Reich. Assim, justapomos alguns dos aspectos abordados pelos povos originários dentro desse escopo e a visão de Reich, que dialoga com esses apontamentos.

Em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, o líder indígena Ailton Krenak inicia sua crítica à civilização colocando em questão a forma como construímos a ideia de humanidade e como essa forma está na base de muitas escolhas erradas que fizemos. Segundo o autor, a noção de que brancos europeus poderiam colonizar o resto do mundo se sustentava na premissa de que havia uma humanidade superiormente esclarecida que precisava levar luz a uma humanidade obscurecida: “Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas escolhas feitas em diferentes períodos da história.” (2020b, p. 11) Krenak alerta para o fato de que a civilização constrói a ideia de que há uma única forma correta de existência, e que essa forma estabelecida deve ser homogênea e suprimir a diversidade, a pluralidade de formas de vida e de hábitos. “Precisamos ser críticos a essa ideia plasmada de humanidade homogênea na qual há muito tempo o consumo tomou o lugar do que era cidadania.” (2020b, p.24)

David Graeber e David Wengrow (2023), esclarecem em sua obra que a ideia de uma civilização global, pasteurizada, baseada nos mesmos princípios remonta ao século XVII. O confronto entre os modos de vida europeu e indígena, registrado por jesuítas seiscentistas que relatavam suas experiências na tentativa de “civilizar” nativos norte-americanos fica claro nessas declarações. A liberdade individual dos indígenas era considerada por esses missionários como coisa animalésca. Os autores reproduzem trecho escrito pelo missionário jesuíta Le Jeune sobre os *innus*<sup>2</sup>, em 1642:

“Eles imaginam que, por direito de nascença, devem gozar a liberdade dos burros selvagens, sem render homenagem a quem quer que seja, exceto quando querem. Censuram-me uma centena de vezes porque tememos nossos Capitães, enquanto eles riem e zombam dos seus. Toda a autoridade do chefe deles reside na língua, pois seu poder consiste em sua eloquência e, mesmo que se mate de tanto falar e arengar, não será obedecido a menos que agrade aos Selvagens.” (Graeber e Wengrow, 2023, p. 57).

Tal percepção vai ao encontro da visão de Reich, que denuncia o imperativo das organizações sociais autoritárias que confrontam a vida vegetativa com a vida substituta “cultural”, apresentada como superior, desenvolvida. “Na realidade, esta última, dado que se afastou da primeira e que representa apenas uma função substituta, e não uma continuação da primeira, é improdutiva, congelada em formas e fórmulas rígidas, desprovida de frutos como uma planta seca”, afirma (Reich, 1998, p.280)

---

<sup>2</sup> Povos indígenas da região leste do Canadá.

Reich também nos esclarece que cada cultura cria os caracteres dos quais necessita para se manter (2001, p.21), e explica sobre o mecanismo cíclico que perpetua a formação do contato substituto: as crianças são educadas por pais que também se desenvolveram com uma condição substituta, com pouco contato vital. A couraça dos pais impede o contato vegetativo direto com os filhos e seus comportamentos falsos e rígidos reproduzem tais condições nas crianças.

O rompimento desse ciclo constituiu um grande desafio para Reich (1987), que viu a necessidade de cuidadores, especialmente as mães, receberem apoio terapêutico para liberar seu fluxo de energia a fim de que pudessem estabelecer contato vegetativo direto com suas crianças. Para o autor, é necessário interromper esse funcionamento que perpetua a adaptação das crianças aos interesses de instituições, privando-as de seus direitos de experimentação e expressão no mundo.

“Cada grupo humano, por milênios, tem dirigido suas medidas educacionais no sentido do ajustamento de cada geração aos ideais nacionais, religiosos e raciais e a instituições específicas. (...) Uma criança recém-nascida é, em primeiro lugar, uma parte da natureza viva, um sistema orgonótico governado por certas leis bioenergéticas.” (Reich, 1987, p.17-18).

A interdição da liberdade de pensamento e expressão das crianças em instituições de ensino é também apontada por Krenak como uma forma de perpetuação de uma forma de viver que é destrutiva: “...é tomar um ser humano que acabou de chegar aqui, chapá-lo de ideias e soltá-lo para destruir o mundo.” (Krenak, 2020, p.101) Em conformidade com Reich, o líder indígena evidencia a formação protocolar que as crianças recebem e a maneira como esse tipo de educação repercute ao longo de sua vida, que passa a ser experimentada a partir de um script que já lhe é imposto de antemão.

“O modo de vida ocidental formatou o mundo como uma mercadoria e replica isso de maneira tão naturalizada que uma criança que cresce dentro dessa lógica vive isso como se fosse uma experiência total. As informações que ela recebe de como se constituir como pessoa e atuar na sociedade já seguem um roteiro predefinido: vai ser engenheira, arquiteta, médica, um sujeito habilitado para operar no mundo, para fazer guerra, tudo já está configurado.” (Krenak, 2020, p.100-101).

Para Krenak, o ajustamento das pessoas aos ditames capitalistas denota a sua incapacidade de viver a experiência de sua circulação pelo mundo. O líder indígena chama a atenção para um apagamento de subjetividades, de visões e poéticas sobre a existência, e afirma que pretender que toda a humanidade tenha o mesmo protocolo é uma maneira de homogeneizar e tirar das pessoas a alegria de estarem vivas. (Krenak, 2020b, p.33)

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do próprio sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande em relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. (...) O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição da vida.” (Krenak, 2020b, p. 26-27).

Ao colocar em questão a disposição das pessoas para se alienar e aderir às regras da civilização capitalista, Krenak alude ao *Discurso da servidão voluntária*, do filósofo francês Étienne de La Boétie: “Por que insistimos tanto durante tanto tempo em participar desse clube, que na maioria das vezes só limita nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?” (2020b, p.13) O líder indígena chama a atenção para a vida em ambientes artificiais, produzidos por corporações que destroem florestas, montanhas e rios, e para a ideia, que lhe parece absurda, de que os seres humanos podem se descolar da Terra e viver numa “abstração civilizatória”.

“Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ela é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (Krenak, 2020b, p.16).

Reich, reiteradamente, partilha dessa visão, afirmando que o homem é considerado parte da natureza e está inserido em um todo que está além de sua própria espécie. Em seu texto *O éter, Deus e o diabo*, nos diz que “o homem faz parte do resto da natureza” (Reich, 2003, p.27), e explica que, no passado, falsas ideias perturbaram a noção de que o homem está sujeito às leis da vida e não apenas a condições sociais.

“Um determinado quadro de referência social não se harmoniza com a posição objetiva do homem na natureza, mas reflete os conceitos errôneos que, no decorrer do tempo, o animal humano formou sobre sua posição na natureza. Encontramos uma grande parte desse erro enorme na incapacidade das massas até para pensar sua posição na natureza; em sua tendência para seguir cegamente as heresias ensinadas por indivíduos e, além disso, de perseguir e torturar qualquer pessoa que tente esclarecer esse erro.” (Reich, 2003, p.28).

Ao formular o conceito de contato substituto, Reich explicita o processo de encorajamento do indivíduo que leva a uma adaptação ao sistema. O autor retoma o esquema básico freudiano acerca do conflito psíquico entre pulsão e mundo externo, e desenvolve sua teoria mostrando que essa experiência de conflito, absorvida no caráter da pessoa, se expressa como modos formais de comportamento e, nesses casos, emergem quadros caracterizados por resignação, apatia, sentimentos de isolamento e enfraquecimento da atividade e dos interesses objetivos. (Reich, 1998, p. 294)

Tais características são enfatizadas por Reich quando trata da relação das pessoas com o trabalho. Para o psicanalista, o caráter genital, que não é rigidamente encoraçado, tem interesse ativo no desenvolvimento de um processo de trabalho, seu interesse é o próprio processo. O resultado do trabalho, nesse caso, é obtido sem esforço especial porque provém de modo espontâneo. Dessa forma, “a formação do produto ao longo do processo de trabalho é uma característica essencial do prazer biológico de trabalhar.” (Reich, 1998, p.472). Quando descreve o indivíduo acometido pela condição que denominou como *peste emocional*, Reich aponta para uma relação em que o organismo da pessoa perdeu sua mobilidade natural e por isso, desenvolve formas artificiais de movimento. (Reich, 1998, p.461) Reich vê a manifestação desse contato artificial na vida em sociedade, e sublinha seus efeitos na forma como as pessoas lidam com o trabalho.

“O indivíduo acometido de peste emocional *odeia* o trabalho porque o sente como um fardo. Por isso, foge de qualquer responsabilidade e, particularmente, de pequenas tarefas que pedem paciência. (...) O caráter acometido de peste emocional desejará, tipicamente, trabalhar menos que os outros. Quanto menor for sua capacidade de trabalho e, conseqüentemente, seu amor-próprio, maior será sua insistência em chefiar o trabalho.” (Reich, 1998, p. 473).

Reich(2001), propõe um modo de vida que respeite a natureza humana, de forma que a pessoa tenha condições de integrar razão e afetos e de assumir suas responsabilidades a partir dessa integração, gerando assim novas possibilidades de relações no trabalho. Ao propor a *democracia do trabalho*, o autor explica que esta deve ser governada por relações racionais interpessoais, desenvolvidas de maneira natural e orgânica. Não se trata de um sistema ideológico ou político que possa ser imposto às pessoas.

“O que esse processo da democracia do trabalho exige, onde quer que funcione, é que as ideologias e instituições sociais correspondam às necessidades naturais e às relações humanas, como acontece no amor natural, no trabalho vitalmente necessário e na ciência natural. (...) Os sistemas políticos ideológicos baseiam-se em pontos de vista do processo natural da vida. Podem promover ou impedir esse processo. Mas esses sistemas não são parte do fundamento da sociedade humana. Podem ser democráticos; nesse caso, promovem o processo natural da vida humana. Mas também podem ser de natureza autoritária e ditatorial: nesse caso, entram em conflito mortal com esse processo.” (Reich, 2001, p. 290-291).

Ao abordar o tema do trabalho, Ailton Krenak se aproxima da visão de Reich e aponta uma inversão de valores na sociedade: em vez de o trabalho e as instituições estarem a serviço do humano, são os seres humanos que estão a serviço das instituições. Remetendo ao pensamento do filósofo francês Michel Foucault, o líder indígena ressalta que o valor do ser

humano no capitalismo é medido pelo que produz para o mercado. Assim, quando o indivíduo para de produzir, passa a ser visto como uma despesa. (Krenak, 2020, p.87)

Krenak avança em sua crítica alertando sobre o fenômeno do mercado nos dias de hoje e ressalta os efeitos do acúmulo de poder nas mãos de grandes corporações que se imbricam com o poder do Estado, levando a uma realidade nefasta voltada para o consumo.

“O poder, o capital entraram em um grau de acúmulo que não há mais separação entre gestão política e financeira no mundo. Houve um tempo em que existiam governos e revoluções. (...) O poder, hoje, é uma abstração concentrada em marcas aglutinadas em corporações e representadas por alguns humanoides.” (Krenak, 2020, p. 15-16).

Para se referir ao ser humano supostamente adaptado ao sistema, Reich utiliza o termo *homo normalis*, a pessoa que, com aparência comum, destrói constantemente as manifestações de vida nela própria e no mundo externo. O autor evidencia que o mais preocupante nessa condição patológica é o fato de que ela é vista como saúde por grande parte da sociedade, que também é acometida do mesmo distúrbio. Os mecanismos de projeção, que são atribuídos pela psiquiatria apenas aos esquizofrênicos, dizem Reich, são os mesmos que dominam a vida social na forma de reações em pessoas consideradas normais.

“Assim como o paciente mental projeta suas correntes orgonóticas e impulsos perversos em outras pessoas, e os experiencia como ameaça vindas dessas, o indivíduo atacado pela peste projeta suas próprias perversões e sua lascívia em outras pessoas (...) isto é, imputa aos outros aquilo que não pode reconhecer em si mesmo. (...) Entrar em contato com o modo de vida da pessoa genitalmente saudável recorda-lhe, de modo doloroso, sua própria fraqueza genital, constituindo, assim, uma ameaça a seu equilíbrio neurótico.” (1998, p.477).

Reich afirma que as pessoas acometidas da peste emocional agem de acordo com o princípio de que os outros não podem ter aquilo que elas não têm, e atribuem aos indivíduos saudáveis características contra as quais o acometido pela peste “luta em vão ou se entrega com a consciência pesada.” (Reich, 1998, p.477) Essa percepção reichiana é bem ilustrada por relatos reproduzidos na obra de Graeber e Wengrow. Um deles é o do padre francês Lallemand que, no século XVII, acompanhava o trabalho de jesuítas que tinham a missão de colonização dos indígenas norte-americanos. O clérigo observou que a liberdade dos indígenas era vista como afronta pelos jesuítas, um grande impedimento para que eles se “submetessem ao jugo da lei de Deus”. Em um dos trechos de seus relatos, Lallemand se mostra contrariado ao constatar que os jesuítas se opunham à liberdade por princípio:

“Essa é, sem dúvida, uma disposição totalmente contrária ao espírito da Fé, que nos exige a submissão não só de nossa vontade, mas de nossa mente, de nossos juízos e de todos os sentimentos humanos a um poder desconhecido a nossos sentidos, a uma Lei que não é da terra e é inteiramente oposta às leis e sentimentos da natureza corrompida.” (Graeber e Wengrow, 2023, p. 60)

O passado primevo, no qual falsas ideias perturbaram a relação simples entre homem e natureza, é referido por Reich em seu texto *O éter, Deus e o diabo*. Nele, Reich trata de uma situação da qual até hoje seres humanos não conseguiram se libertar. E o autor preconiza: “...no futuro, é de se supor que este terceiro grande erro vitimará exatamente tantas vidas humanas como o fez nos últimos milênios”. (Graeber e Wengrow, 2003, p.28).

### **Considerações finais**

Em seu livro, em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, Davi Kopenawa denuncia a destruição causada pelos inimigos que, desde os anos 1960, avançaram pela floresta levando epidemias, violência e mortes a seu povo. A queda do céu se materializou no terror imposto aos yanomami. Uma condição que ainda não findou.

O antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro se refere aos que mantêm a sanha por dinheiro e poder como “espectros canibais que esqueceram sua origem e sua cultura em altas e cintilantes casas de pedra, amontoadas sobre um chão nu e estéril”. (Kopenawa e Albert, 2015, p.13) Não nos parece fácil assimilar tal imagem sobre nós mesmos. Mas é preciso nos havermos com nossa trajetória. Sentir no corpo, individual e coletivo, os efeitos do *contato substituto* formado há muitas gerações para, então, expandirmos nossos movimentos, flexibilizarmos nossas coraças históricas.

Ailton Krenak nos lembra que cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Os povos indígenas usam seus corpos e neles se ancoram, se aterram. Suspender o céu, Krenak explica, “é ampliar nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial.” É enriquecer as nossas subjetividades. É “gozar sem nenhum objetivo. Mamar sem medo, sem culpa, sem nenhum objetivo”. (Krenak, 2020b, p.65) Possibilidades vislumbradas por Reich que, em reflexão otimista, aponta que o que é construído pelo homem pode ser mudado: “... em seu papel de fenômeno social e de elemento da estrutura do homem moderno, essa função do contato substituto é uma formação histórica, isto é, que teve origem num ponto definido na história, sendo, portanto, transitória.” (Reich,

1998, p.304) Para nossa sobrevivência como espécie, precisamos urgentemente suspender o céu.

## Referências

GRAEBER, David; WENGROW, David. **O despertar de tudo: uma nova história da humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020

\_\_\_\_\_. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020 b

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2016

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. **Análise do caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998

\_\_\_\_\_. **Children of the future: on the prevention of pathology**. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1987. (Tradução independente feita por José Henrique Volpi e Sandra Volpi, 2013)

\_\_\_\_\_. **O éter, Deus e o diabo: a superposição cósmica**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

\_\_\_\_\_. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Recebido: 14.11.2024; Aceito: 21.11.2024; Publicado: 30.11.2024.